

**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

ANDREZA WAACK MELO

**FOTOJORNALISMO PARTICIPATIVO: UMA ANÁLISE DA SEÇÃO
'EU REPÓRTER' DO JORNAL O GLOBO**

**VOLTA REDONDA
2020**

**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**FOTOJORNALISMO PARTICIPATIVO: UMA ANÁLISE DA SEÇÃO
'EU REPÓRTER' DO JORNAL O GLOBO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Jornalismo do UniFOA como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Aluna:

Andreza Waack Melo.

Orientadora:

Prof^a. Ms. Rebeca Baltazar Chaves.

**VOLTA REDONDA
2020**



Fundação Oswaldo Aranha



FOLHA DE APROVAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso Intitulado **FOTOJORNALISMO PARTICIPATIVO: UMA ANÁLISE DA SEÇÃO 'EU REPÓRTER' DO JORNAL O GLOBO**, elaborado por Andreza Waack Melo, apresentado publicamente, através da plataforma virtual TEAMS link: <https://web.microsoftstream.com/video/ac0b92ac-8823-4514-a3a0-b25886489a09> conforme Resolução CONSEPE nº 067 de 24 de agosto de 2020, envio pelo e-mail Institucional, no ambiente virtual Microsoft Teams, perante a Banca Avaliadora, como parte dos requisitos para conclusão do curso de Jornalismo.

Aprovado em 9 de novembro de 2020

Banca Avaliadora:

Professora orientadora

Rebeca Baltazar Chaves, Mestre, UniFOA

Professora avaliadora

Angélica Aparecida Silva Arieira, Mestre, UniFOA

Professor avaliador

Eduardo Jorge Nascimento de Oliveira, Doutor, UniFOA

DEDICATÓRIA

Dedico aos meus pais Angélica e Reginaldo, e a minha irmã Ingrid, pois foram eles que me deram todo incentivo e força para desenvolver este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus. Agradeço também aos meus familiares que estiveram comigo durante essa jornada dando todo apoio e aos meus amigos de faculdade, que sempre estiveram ao meu lado me ajudando nos momentos difíceis. À professora e minha orientadora Rebeca Baltazar pelos ensinamentos e por ter me ajudado com tanta dedicação a conclusão deste trabalho, graças a ela encontrei o que amo no jornalismo que é a fotografia. E, por fim, a todos os professores que me deram aula e me ajudaram de alguma maneira na minha formação acadêmica.

RESUMO

Com a popularização da fotografia e a modernização das câmeras e celulares, o público encontrou uma nova forma de participar da notícia. A urgência de se publicar uma notícia, fez com que o fotojornalismo sofresse com as transformações trazidas pelas novas tecnologias. Atualmente, o público pode contribuir por meio de vídeos, textos e fotos para um veículo de comunicação. Nesse contexto, este trabalho buscou compreender a participação do leitor na seção de jornalismo participativo “Eu Repórter”, do jornal O Globo, nos cadernos de bairro, no período de janeiro a março de 2019 e também analisar as mudanças significativas ocorridas nesse espaço em 2006 – ano de início, 2009 e 2013. Para isso, teve como objetivos, especificar quais são os temas mais recorrentes, investigar o posicionamento de fotojornalistas acerca do conteúdo amador no jornal e compreender as mudanças significativas que houve ao longo dos anos. Desta forma, foi realizada uma análise sobre o objeto e também uma entrevista com dois fotojornalistas do jornal O Globo, em forma de *podcast* e disponibilizada em uma plataforma de áudio. Concluiu-se que a participação do público aumentou ao longo dos anos e que as participações, através das fotografias, apresentam queixas dos leitores acerca do local onde vivem.

Palavras-chave: fotojornalismo; jornalismo participativo; “Eu Repórter”; jornal O Globo.

ABSTRACT

With the popularization of photography and the modernization of cameras and cell phones, the public found a new way to participate in the news. The urgency of publishing news made photojournalism suffer with the transformations brought by new technologies. Currently, the public can contribute by videos, texts and photos to a communication vehicle. In this context, this work sought to understand the participation of the reader in the participatory journalism session “Eu Repórter”, of the newspaper O Globo, in the neighborhood newspapers and in the period from January to March 2019 and also analyze the significant changes that occurred in 2006 - start year, 2009 and 2013.. Then, it aimed to specify which are the most recurring themes in, investigate the position of photojournalists about amateur content in the newspaper and understand the significant changes that occurred over the years. In this way, an analysis was made about the object and also an interview with two photojournalists from the newspaper O Globo, in the form of podcast and put available on an audio platform. It was concluded that public participation has increased over the years and that participation, through the photographs, are the reader's claims about the place where they live.

Key words: photojournalism; participatory journalism; “Eu Repórter”; O Globo newspaper.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 A EVOLUÇÃO DA FOTOGRAFIA E SUA ASCENSÃO	12
2.1 Fotografia: história e mudança de paradigmas	12
2.2 O início do fotojornalismo	18
3 O JORNALISMO PARTICIPATIVO	25
3.1 A nova era da participação	25
3.2 O jornalismo participativo no jornal O Globo e o “Eu Repórter”	30
4 A PARTICIPAÇÃO NA SEÇÃO “EU REPÓRTER”	35
4.1 Análise da participação popular em 2019	35
4.2 Análise da seção em 2006	41
4.3 Análise da seção em 2009	45
4.4 Análise da seção em 2013	48
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
6 REFERÊNCIAS	54
7 APÊNDICE	60

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: A câmara escura	12
FIGURA 2: A primeira fotografia da história	13
FIGURA 3: A invenção de Daguerre	14
FIGURA 4: Primeira foto colorida	16
FIGURA 5: A Kodak nº1 de Eastman	17
FIGURA 6: A reprodução da fotografia documental do incêndio	19
FIGURA 7: Primeira Leica	19
FIGURA 8: Famosa fotografia de Robert Capa	22
FIGURA 9: Imagem de Nick Ut da Guerra do Vietnã	22
FIGURA 10: Página para selecionar os canais colaborativos do G1	29
FIGURA 11: Notícias publicadas no “VC no G1” do portal Terra	30
FIGURA 12: Página do O Globo Online	31
FIGURA 13: Página do “Eu Repórter” do O Globo	32
FIGURA 14: Formulário do “Eu Repórter”	33
FIGURA 15: Primeiro jornal de bairro	34
FIGURA 16: Formas de encontrar o “Eu Repórter” no Jornal de Bairro	38
FIGURA 17: Fotos dos leitores no “Eu Repórter” em 2019	40
FIGURA 18: Caderno do “Zona Oeste” de 01/01/2006	42
FIGURA 19: Cadernos Tijuca e Barra de 2006	43
FIGURA 20: Suplemento “Fala, Zona Norte” de 01/01/2006	44
FIGURA 21: Caderno do “Fala, Niterói” com participação de leitor	45
FIGURA 22: Caderno “Fala, Zona Norte” de 2009	46
FIGURA 23: Caderno “Fala, Zona Norte” com participação de leitores	47
FIGURA 24: Relato de leitor na seção do “Eu Repórter”	49
FIGURA 25: Perfil do “Eu Repórter” em 2013	50

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Dados analisados dos meses de janeiro a março de 2019	36
TABELA 2: Principais categorias existentes	39

1 INTRODUÇÃO

No atual cenário de evoluções tecnológicas, o jornalismo participativo tem permitido que leitores participem da produção de conteúdo jornalístico em diversos sites noticiosos. A modernização dos celulares e a popularização da fotografia contribuíram para que o leitor se sentisse parte do processo de construção da notícia e assim pudesse colaborar com envio de fotografias. O fotojornalismo foi uma área que sofreu mudanças ao longo de tempo e devido à toda evolução é uma área que também conta muito com a colaboração do público.

Este trabalho delimita-se, portanto, em apresentar como o jornalismo participativo tem ganhado força e contribuído com maior interação entre veículo de comunicação e leitor através das fotografias enviadas ao jornal. O objetivo desse trabalho é analisar a seção de jornalismo participativo do jornal O Globo, o “Eu Repórter”, nos Jornais de Bairro, a fim de focar nessas fotografias enviadas por leitores do jornal.

É possível perceber que com as transformações tecnológicas, o fotojornalismo também se reconfigura e recebe uma oferta maior de conteúdo produzido pelo público. A partir dessas considerações, pretende-se responder às seguintes perguntas: de que forma a participação do público altera o fluxo de produção das notícias no jornal impresso O Globo? Quais são os temas mais recorrentes publicados na editoria do “Eu Repórter”? Como os fotojornalistas percebem essa inserção de conteúdo amador nas páginas dos jornais impressos?

Perante a isso, a hipótese é de que a participação do público torna-se mais acessível por meio das plataformas online. O público contribui com fotos e textos que mostram problemas do lugar onde vive, como falta de água, infraestrutura, saúde pública, entre outros e espera que, com maior visibilidade, tenha uma resposta ou solução acerca daquele problema. Além disso, nesse cenário também há a opinião dos fotojornalistas sobre as fotografias amadoras enviadas ao jornal e essa discussão divide opiniões a respeito desse novo fenômeno.

Esta pesquisa tem como objetivo geral compreender como a popularização da internet contribuiu para alteração do fazer do fotojornalismo. Nesse contexto, traz como objetivos específicos: a) Especificar os temas mais recorrentes publicados na editoria do “Eu Repórter”; b) Analisar como é a forma de participação do leitor na

produção da notícia; c) Investigar o posicionamento de fotojornalistas sobre esse cenário de 'jornalismo participativo'; d) Descrever como é o fluxo de produção das notícias que utilizam foto do leitor na editoria 'Eu Repórter' do jornal O Globo; e) Verificar as mudanças significativas na editoria do "Eu Repórter".

A relevância desta pesquisa está em contribuir para o estudo de como o fotojornalismo colaborativo tem se tornado parte do processo de construção da notícia. É importante mostrar também que esse cenário não é recente, mas que com a popularização da fotografia e das novas tecnologias o fenômeno expandiu as possibilidades de participação para o leitor.

Como caminho metodológico, o trabalho irá contar com três capítulos: o primeiro irá abordar a história da fotografia até o fotojornalismo, trazendo os momentos mais importantes. O segundo irá contar sobre o surgimento do jornalismo participativo, como o público se tornou parte do processo de produção da notícia e um pouco da história do relacionamento do jornal O Globo com seus leitores através da editoria de jornalismo participativo, o "Eu Repórter", nos Jornais de Bairro. O terceiro e último capítulo será uma análise da editoria de jornalismo participativo "Eu Repórter" do jornal O Globo, em sua versão digital e nos suplementos de bairro, mostrando as fotografias enviadas pelos leitores no período de janeiro a março de 2019. Ainda nesse capítulo, serão levantadas as mudanças significativas ocorridas na editoria desde seu início em 2006 até 2019 e também a opinião de fotojornalistas do jornal e de outros profissionais quanto a esse cenário de fotografias amadoras. Além disso, será disponibilizada uma entrevista com dois fotojornalistas do jornal O Globo, em formato de *podcast* e publicado em uma plataforma de áudio, a fim de compreender a opinião desses profissionais acerca do cenário do fotojornalismo e sobre o conteúdo de fotografias amadoras em jornais.

2 A EVOLUÇÃO DA FOTOGRAFIA E SUA ASCENSÃO

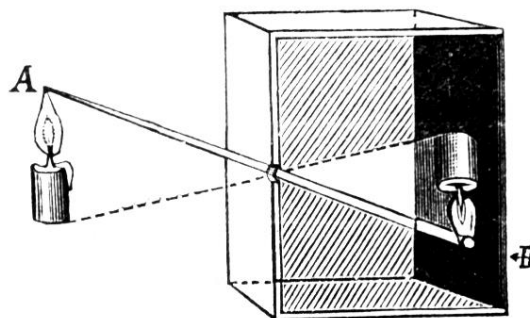
Este capítulo irá contar a história da fotografia trazendo os principais momentos dessa invenção até os dias de hoje. Serão apresentados os aspectos históricos da fotografia, como a criação da câmara escura e o daguerreótipo e as primeiras fotografias até a chegada do fotojornalismo e suas fases importantes.

2.1 Fotografia: história e mudança da paradigmas

A história da fotografia contempla diversas etapas e processos que a levaram ser o que é hoje. Desde a antiguidade, essa invenção foi sendo pesquisada por diversos inventores e cientistas que se tornaram importantes para a história da fotografia. Com a ajuda de produtos químicos e equipamentos ópticos, as primeiras imagens surgiram no século XIX. Porém, antes disso é possível apontar fatos importantes para a invenção do mecanismo que hoje conhecemos como câmeras fotográficas. Para Buitoni (2012, p.9), a imagem nasce a partir de dois saberes “a câmara escura (ótica) e a sensibilidade de certas substâncias (química). [...] Os universos da ótica e da química se uniram para produzir o registro de fenômenos luminosos numa época de efervescência científica e industrial.

Ainda segundo Buitoni (2012, p.3) “alguns autores apontam como momentos cruciais da comunicação humana a descoberta da fotografia no século XIX”. A descoberta de que era possível capturar imagens ocorreu com a descoberta da câmara obscura (Figura 1). Conhecida desde a Antiguidade, esse equipamento era formado por uma caixa que com a passagem de luz por um pequeno orifício formava uma imagem invertida da cena nas paredes da caixa.

Figura 1: A câmara escura



Essa técnica foi muito utilizada por artistas que a usavam como auxílio em pinturas e desenhos e ao longo do tempo, a câmara escura foi se modernizando e diminuindo de tamanho para que pudesse ser transportada com mais facilidade. Esse trecho da história da fotografia apresenta divergências de opiniões na literatura. De acordo com Buitoni (2012, p.16), “a câmara escura – antecessora da câmera fotográfica – já era conhecida por Aristóteles, assim como estudiosos árabes por volta do século IX.” Segundo Oliveira (2006), as imagens produzidas pela câmara escura desapareciam com o passar dos anos por não resistirem à luz e ao tempo. Por isso, outros métodos e componentes químicos foram sendo testados para dar continuidade à invenção da fotografia.

Ainda de acordo com Oliveira (2006), o físico francês Joseph Nicéphore Niépce foi quem deu os primeiros passos para o registro de imagens a partir da câmara escura. Niépce conseguiu produzir imagens em um material coberto com betume da Judeia e sais de prata, denominando tal processo como heliografia, porém ainda era um método muito demorado. Para obter um resultado que atingisse seu objetivo a fotografia teve que ficar exposta por oito horas na luz do sol para que pudesse ser revelada. Através desse processo, em 1826, que Niépce conseguiu capturar a primeira fotografia da história. Segundo Hacking (2012), *Vista da janela em Le Gras* (Figura 2) é a foto mais antiga e preservada até os dias de hoje e compõe a imagem da vista de sua casa na França.

Figura 2: primeira fotografia da história



Fonte: Disponível em: <<https://focusfoto.com.br/a-primeira-fotografia-do-mundo/>> Acesso em 13 mai. 2020

Ainda na mesma época, o inventor Louis Jacques Mandé Daguerre desenvolvia um projeto similar ao de Joseph Niépce. Daguerre e Niépce trocaram experiências durante alguns anos, a fim de trazer melhorias no método da heliografia. Porém, após a morte de Niépce, em 1839, Daguerre foi aperfeiçoando o processo desenvolvido por Niépce e criou mais uma invenção que também foi muito importante para a história da fotografia: o daguerreótipo (Figura 3), no qual consistia em gravar imagens de forma permanente a partir da câmara escura. Ainda era em um método demorado e, conforme Barbosa (2013) destaca, “a imagem mecânica do daguerreótipo necessitava de tempo e produção artesanal para ser concluída e guardava muitos vínculos de organização e estruturação com a tradição herdada da pintura”. (KOUTSOUKOS, 2010, p.33 *apud* BARBOSA, 2013, p.183). Os métodos daquela época ainda eram muito complexos e necessitavam de tempo e, além disso, os processos químicos podiam trazer risco à segurança dos fotógrafos.

Figura 3: a invenção de Daguerre



Fonte: Disponível em: < <https://pt.wikipedia.org/wiki/Daguerre%C3%B3tipo>:> Acesso em 28 mai. 2020

Esse processo, descoberto em 1835, só foi anunciado e comercializado em 1839 e reconhecido pela Academia de Ciências de Paris no mesmo ano. Após a descoberta da daguerreotipia, em 1840, o inglês William Henry Fox Talbot desenvolveu um processo similar ao de Daguerre e Niépce, que consistia em um método denominado calótipo, o que popularizou o acesso à fotografia. De acordo com Blair (2011), a técnica de Talbot utilizava uma solução de ácido gálico e ele foi o responsável pelo primeiro livro ilustrado de que se tem registro: *The Pencil of Nature*, em 1844. Em um trecho de seu livro Talbot diz que “as placas para esse trabalho foram obtidas pela simples ação da luz sobre papel sensível... sem a ajuda de ninguém com conhecimentos da arte do desenho”.

A partir daí as lentes para a feitura das fotografias também foram aprimoradas, o que levou a uma melhor nitidez das imagens. Dois inventores significativos da década de 1840 foram os austríacos József Petzval, um matemático que colaborou com o avanço das lentes, e seu companheiro Friedrich Voigtländer, que criou uma câmera portátil para viajantes (BLAIR, 2011).

De acordo com Oliveira (2006), no Brasil, o pioneiro Antonie Hercule Romuald Florence desenvolveu um método de gravação de imagens que denominou de *photographie*. Ainda no Brasil, Dom Pedro II também contribuiu para o desenvolvimento da fotografia no país. Segundo Buitoni (2012, p.1), “ele se apaixonou pelo processo de daguerreotipia e imediatamente encomendou o equipamento necessário.”

As possibilidades de fotografar cresceram e trouxeram novos momentos para fotografia. O retrato foi uma parte importante nessa história, pois com ele era possível que as pessoas fotografassem a si mesmas, seus desejos e objetos. Em 1839, o norte-americano John Draper utilizou o daguerreótipo para tornar possível os retratos fotográficos mais instantâneos. De acordo com Kubrusly (1991), foi com os processos químicos aprimorados e equipamentos melhores que, em 1841, o retrato se tornou possível e, além disso, foi quando os estúdios de fotografia começaram fazer sucesso e ter um público maior, sendo construídos nos altos dos prédios para que pudessem aproveitar a luz do sol. Porém, nessa época, para se obter um resultado era preciso que ficasse muito tempo imóvel e foi somente duas décadas depois até a conquista da fotografia instantânea.

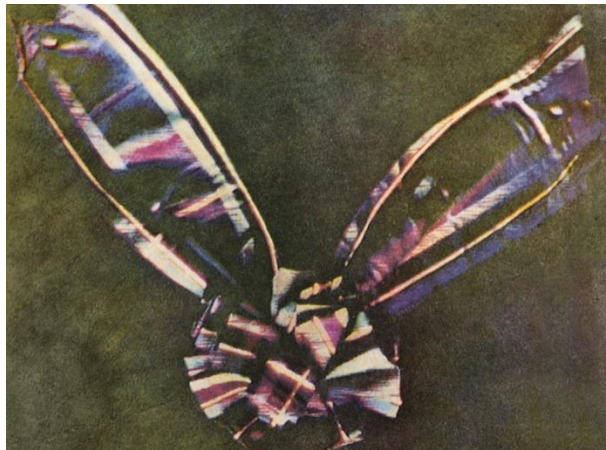
O instantâneo conquistava, definitivamente, um dos atributos mais característicos da fotografia: o registro do aspecto das coisas em uma fração ínfima de tempo e sua eternização em uma imagem estática. Essa conquista libertava os modelos do encargo penoso de ficarem imóveis no momento em que a fotografia era tirada e trazia novas possibilidades e muitas surpresas às imagens de pessoas (KUBRUSLY, 1991, s/p).

Ao longo do tempo, surgiram novos recursos que mudaram de forma significativa a fotografia. Segundo Barbosa (2013 *apud* KOUTSOUKOS, 2010, p.33), “a popularização da fotografia só se efetivou com a impressão da imagem em papel, com a criação do negativo e a possibilidade de se obter diversas cópias de uma mesma imagem”. Ainda conforme Barbosa (2013, p.183), “há a partir de 1860, sobretudo em função da introdução do formato *carte de visite*, o barateamento da produção das imagens, popularizando a fotografia.” Esse formato de cartão de visita

fotográfico tornou-se moda na segunda metade do século XIX e assim familiares e amigos conseguiam compartilhar suas fotografias.

Em 1861 surgiu a primeira fotografia colorida (Figura 4) tirada pelo físico escocês James Clerk Maxwell. Segundo Blair (2011, p.210) “cria uma foto colorida rudimentar ao passar uma imagem preto e branco por filtros vermelho, verde e azul e sobrepor as três fotos de uma fita em uma única tela.”

Figura 4: primeira foto colorida



Fonte: Disponível em: <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/quando-foi-tirada-a-primeira-foto-colorida/>> Acesso 28 mai. 2020

Foi somente em 1888 que surgiu a primeira câmera fotográfica com filme criada por George Eastman: a Kodak nº 1 (Figura 5). Segundo Miranda (2015), esta criação permitiu que qualquer pessoa pudesse ter acesso à fotografia.

A criação da Kodak foi uma das maiores revoluções na fotografia, pois barateou o custo das câmeras, rolos de filme e revelação. É claro que, mesmo assim, essa técnica ainda era restrita e geralmente só os mais ricos possuíam a sua própria câmera, quem não tinha, precisava pagar um fotógrafo para registrar uma imagem de família. A Kodak trouxe a praticidade estampada em seu slogan, “Você aperta o botão, nós fazemos o resto” (MIRANDA, 2015, p.23).

Figura 5: a Kodak nº1 de Eastman



Fonte: Disponível em: < <http://www.resumofotografico.com/2011/12/maquina-do-tempo-kodak.html>>
Acesso em 28 mai. 2020

Acompanhando os avanços, a Kodak seguiu lançando produtos e auxiliou na popularização da fotografia analógica. Nessa época esse recurso era caro e somente classes mais favorecidas tinham acesso. Segundo Sontag (2004, s/p), “as primeiras câmeras, feitas na França e na Inglaterra no início da década de 1840, só contavam com os inventores e os aficionados para operá-las.” A fábrica da Kodak foi pioneira na produção de câmeras e com o propósito de atingir um público cada vez maior foram produzindo máquinas mais leves e com mais facilidade de manuseio.

De acordo com Miranda (2015), a fotografia instantânea foi difundida pelo americano Edwin Land, em 1948 e permitiu que as imagens fossem produzidas com mais rapidez e sem necessidade de enviar para laboratório de revelação. A fotografia foi ganhando espaço na sociedade e com os avanços surgindo as câmeras passaram a ser usadas com mais frequência e a serem populares. As primeiras imagens foram sendo feitas e a descoberta do instantâneo foi utilizada para produzir fotos de paisagens e arquitetura. Além disso, outras inovações e aperfeiçoamentos permitiram que a fotografia se popularizasse. O século XX trouxe uma nova mudança na fotografia: a digitalização. A fotografia digital possibilitou maior qualidade às imagens, minimizou custos e facilitou os processos de produção, que antes exigia muito tempo.

2.2 O início do Fotojornalismo

O início do século XX trouxe mudanças para a fotografia. Antes, os jornais e revistas eram compostos apenas por textos e, aos poucos, a técnica fotográfica foi tomando espaço. Conforme Buitoni (2012, p. 102), “somente no começo do século XX, com o avanço das técnicas fotográficas e de impressão, a fotografia iria se disseminar, inclusive no Brasil.”

A popularização da fotografia, através das câmaras de baixo custo, o processamento dos filmes em laboratórios centrais e a consolidação do processo de impressão de fotos pela autotipia, criaram demandas para utilização da fotografia por praticamente todas as publicações destinadas ao grande público, fossem elas jornais diários ou revistas semanais ou mensais (GIACOMELLI, 2000, p.33).

O surgimento do fotojornalismo aconteceu a partir da necessidade de registrar os acontecimentos da época.

Em meados da década de cinquenta do século XIX, a fotografia já havia beneficiado dos avanços técnicos, químicos e ópticos que lhe permitiram abandonar os estúdios e avançar para a documentação imagética do mundo com o "realismo" que a pintura não conseguia. A foto beneficiava também das noções de "prova", "testemunho" e "verdade", que à época lhe estavam profundamente associadas e que a credibilizavam como "espelho do real" (SOUSA, 1998, p. 26).

O aparecimento do uso das imagens pela imprensa foi um processo demorado. Segundo Barcelos (2013, p. 1), “a técnica que permitiu a reprodução das fotografias em jornais e revistas só se tornou acessível a partir de 1880.”

Assim, os usos da foto pela imprensa passaram por várias modificações ao longo do tempo. Como as primeiras referências dos fotógrafos encontravam-se na pintura, a apresentação das imagens nos jornais, no século XIX, vinha acompanhada por espécies de molduras, como filetes floreados. E, antes da possibilidade de reprodução, as imagens eram desenhos em madeira confeccionados a partir dos originais fotográficos (BARCELOS, 2013, p. 8).

A fotografia ganhou novas funções passando a ser utilizada na imprensa e também como forma de documentação. Segundo Buitoni (2012) naquela época as primeiras fotografias que eram publicadas lembravam composições de pintura. Uma das primeiras fotos documentais veiculadas foi a de um incêndio em Hamburgo, na Alemanha em 1842 (Figura 6). A revista *The Illustrated London News* foi a responsável por reproduzir a gravura desenhada.

Figura 6: a reprodução da fotografia documental do incêndio



Fonte: Disponível em: <<https://focusfoto.com.br/wp-content/uploads/2017/12/HIST%C3%93RIA-MANIPULA%C3%87%C3%83O-E-%C3%89TICA-NO-FOTOJORNALISMO.pdf>> Acesso em 28 mai. 2020

Os avanços tecnológicos passaram a ser cada vez mais frequentes e em 1914 o alemão Oskar Barnak inventou a primeira câmera portátil de precisão (Figura 7). Este equipamento era útil para fotografias artísticas e de registros cotidianos. Era fácil de usar e tinha uma lente 35 mm. Na época, a eclosão da Primeira Guerra Mundial atrasou sua comercialização, e a Leica só chegou ao mercado em 1925 (BLAIR, 2011).

Figura 7: primeira Leica



Fonte: Disponível em: < <https://i1.wp.com/www.dxfoto.com.br/wp-content/uploads/2014/02/camera-prototipo-oskar-barnack-the-ur-leica-ca-1913.jpg?ssl=1>> Acesso em 28 mai. 2020

De acordo com Lombardi (2007, p. 38) “o desenvolvimento tecnológico facilitou o trabalho dos fotógrafos documentais, permitindo-os ganhar maior rapidez e mobilidade.” A autora destaca os pioneiros no modelo de fotografia documental.

Esse modelo começou a tomar forma ainda no século XIX, com os primeiros documentaristas, como o escocês John Thomson (1837-1921), o dinamarquês Jacob Riis (1849-1914), a americana Margaret Sanger (1879-1966) e o alemão Heinrich Zille (1858-1929), que se dedicaram de forma intensa, à fotografia de cunho social (LOMBARDI, 2007, p. 13).

A fotografia documental, origem do fotojornalismo, foi consolidada em 1930 e se desenvolveu a partir de um importante projeto fotodocumental: a *Farm Security Administration* (FSA) criada em 1935 nos Estados Unidos pelo governo do Presidente Roosevelt. Segundo Sousa (1998, p. 96), “a intenção predominante do *Farm Security Administration* foi, sem dúvida, registrar a vida na América profunda e rural, apesar da delicadeza da missão, que dependia de critérios políticos.” Tal projeto contava com a participação de fotógrafos que eram encarregados de documentar imagens da vida rural dos norte-americanos. A FSA contou com registros feitos por diversos fotógrafos que se tornaram muito importantes para a fotografia documental, dentre eles, nomes como Russell Lee, Arthur Rothstein, Ben Shahn, Gordon Parks, Walker Evans e Dorothea Lange.

Outro grande incentivador da fotografia documental foi o surgimento das revistas ilustradas. De acordo com Sousa (1998) a Alemanha se tornou o país com mais revistas ilustradas e é o local onde surgiram os fotojornalistas modernos. Revistas como a francesa *Vu*, *Picture Post*, *Regards*, a norte-americana *Life*, entre outras irão se empenhar em documentar a vida de muitas pessoas. A revista *Life*, fundada em 1936 por Henry Luce, foi a primeira revista voltada ao fotojornalismo. Era o modelo da época e também servia como veículo de publicação dos trabalhos documentais. A fundação da *Life* deu início à difusão massiva de revistas fotojornalísticas nos Estados Unidos (SOUSA, 1998, p. 90). Oliveira (1999) destaca como a fotografia estava se tornando importante para imprensa.

Já nos anos 30, a Fotografia Documental vivia sua idade de Ouro, quando surgiram revistas ilustradas como a *Life*, a *Vu*, etc, as câmeras de pequeno formato e quando a Kodak começava a desenvolver novos filmes. A imprensa, naquele momento, não oferecia apenas informação escrita e a fotografia passava a ser considerada uma autêntica arma na transmissão da informação (OLIVEIRA, 1999, p. 66).

Com o sucesso das fotografias documentais naquela época, surgiram agências de fotojornalismo que proporcionavam que os profissionais trabalhassem com seus projetos individualmente e com maior independência. A agência de fotografias *Magnum Photos* foi de grande importância para o início do fotojornalismo. Fundada em 1947, em Paris, por Robert Capa, Henri Cartier-Bresson, George Rodger e David Seymour possibilitou que esses grandes nomes contribuíssem com importantes fotografias até os dias de hoje. Além dessa, outras grandes agências surgiram como a *Gamma*, *Sygma* e a *Contact* que também era especializadas em fotojornalismo. Através de suas fotos, esses fotógrafos provocaram e influenciaram discussões de temas comuns aos profissionais de imprensa do mundo todo (OLIVEIRA, 1999).

A agência se tornou uma referência dos direitos do fotógrafo. A partir da Magnum, fixa-se uma tendência à união do documento com a arte, já iniciada com Alfred Stieglitz (1864-1946), no início do século XX. Seus fundadores desenvolveram uma nova forma de ver a fotografia, ancorada em valores estéticos e, ao mesmo tempo, com forte preocupação política e jornalística, mas principalmente com total independência autoral (LOMBARDI, 2007, p. 78).

Outro importante momento foi o aparecimento das agências de notícias que segundo Buitoni (2012) eram responsáveis por vender as informações dos acontecimentos para jornais e revistas, dentre elas, a *Associated Press* dos Estados Unidos e a francesa *Agence France-Presse* (AFP).

Com a fotografia documental em alta, os fotógrafos da época começaram então a utilizar seus equipamentos para o registro das primeiras coberturas de guerras. A fotografia de guerra retratava as imagens de sofrimento e da destruição que era causada pelos conflitos. Segundo Sousa (1998), as primeiras coberturas foram realizadas anteriormente a essa popularização, por Roger Fenton, em 1855, quando o mesmo partiu para Guerra da Crimeia e registrou a primeira reportagem de guerra. A Guerra de Secessão nos Estados Unidos também contou com registros de muitos fotógrafos sendo publicados nas revistas ilustradas da época.

Um momento marcante, já na história mais moderna da fotografia, é o trabalho do fotógrafo húngaro Robert Capa, que foi um dos nomes importantes para o fotojornalismo e contribuiu, significativamente, para a fotografia de guerra. Capa cobriu as principais guerras de sua época e ficou internacionalmente conhecido principalmente pela fotografia “Morte de um Miliciano” (Figura 8) na Guerra Civil

espanhola. Seu jargão mais reconhecido e corriqueiramente utilizado pelos fotógrafos até hoje é “se suas fotos não estão boas o suficiente, você não está perto o suficiente”.

Figura 8: famosa fotografia de Robert Capa



Fonte: Disponível em: <<https://www.museudeimagens.com.br/morte-miliciano-guerra-civil-espanhola/>> Acesso em 28 mai. 2020

Sua primeira publicação foi na revista francesa *Vu*, em 1936 e logo depois publicada também na norte-americana *Life* e *Picture Post*. A Guerra do Vietnã (1955 – 1975) foi outro importante conflito amplamente registrado. Nick Ut, da agência de notícias *Associated Press Photo*, registrou sua mais famosa fotografia intitulada “*Napalm Girl*” (Figura 9), na qual mostra algumas crianças horrorizadas após um ataque aéreo.

Figura 9: imagem de Nick Ut da Guerra do Vietnã



Fonte: Disponível em: < <https://veja.abril.com.br/mundo/a-menina-da-foto-a-historia-por-tras-de-um-simbolo-da-guerra-do-vietna/>> Acesso em 28 mai. 2020

No Brasil, segundo Buitoni (2012) a Guerra do Paraguai foi tema das primeiras fotografias a serem publicadas em revistas, e em 1900 foi criado o

principal periódico ilustrado: a “Revista da Semana”. Para Buitoni (2012, p. 121) “o trabalho do fotojornalista começou a ser mais reconhecido nos anos 1980, paralelamente à sua vinculação com movimentos em defesa da democracia.” Ainda no Brasil, Sebastião Salgado se tornou um importante fotógrafo que contribuiu com relevantes trabalhos para o fotojornalismo trabalhando em agências como *Gamma* e *Magnum*. Além disso, se tornou o único fotógrafo a registrar a tentativa de assassinato de Ronald Reagan, o presidente dos Estados Unidos, em 1981.

Sousa (2002) aponta três revoluções que marcaram o fotojornalismo e são de valia para exposição dessa pesquisa. A primeira é o pós-guerra: segundo o autor “os conflitos do pós-guerra representaram um terreno fecundo, sobretudo no que respeita às agências” destacando-se o crescimento das agências fotográficas em decorrência da Segunda Guerra Mundial. Além disso, ocorreu o início de uma crise nas revistas ilustradas no final de 1950, devido à publicidade ter passado a direcionar-se para o novo veículo de comunicação que surgia: a televisão.

A segunda revolução no fotojornalismo apresentou traços relevantes como a ascensão do fotojornalista, principalmente nos Estados Unidos e Europa. Outro fato importante que o autor destaca é o aumento das fotos tiradas por amadores “que depois são difundidas por agências ou outros órgãos de comunicação social.” Nessa fase cresce o interesse pelo estudo da fotografia, que segundo o autor, se reflete na edição de livros sobre fotografia e em 1980, os fotógrafos começam a utilizar o computador para edição das imagens.

A terceira revolução apontada pelo autor são as mudanças no fotojornalismo no início de 1990. Sousa (2002) traz fatores que estão ligados a essa mudança, são eles: a possibilidade de manipular imagens surge e traz questionamentos na fotografia sobre sua relação com o real; as fotografias assumem caráter ilustrativo nos jornais e também o aparecimento das novas tecnologias permitem que o repórter fotográfico forneça imagens para vários meios.

É possível perceber, portanto, que o fotojornalismo como conhecemos hoje de forma rotineira e aparentemente simples, nem sempre foi assim. A história da fotografia contou com apoios e conhecimentos diversos para ser o que é hoje. A revolução digital, que teve um aumento exponencial a partir da década de 1990, atualmente ainda reconfigura a prática fotográfica. O que antes dependia de um

processo complexo desde a feitura da fotografia em si, até a sua veiculação, hoje leva poucos segundos por meio de modernos *smartphones* e conexões *online*.

Se antes um jornalista era o único que possuía em mãos uma câmera capaz de registrar acontecimentos, hoje cerca de 5,1 bilhões de pessoas possuem um aparelho celular¹ - dos quais grande parte deles podem ser utilizados para realizar registros fotográficos - e 3,6 bilhões de pessoas possuem acesso à internet – que pode ser o meio de transmitir essas imagens para outras plataformas, empresas, jornais ou indivíduos.

Uma pesquisa da *High Table* divulgada pelo *CanalTech*² em 8 de maio de 2020 estima que atualmente a cada dois minutos o mundo tira mais fotos do que todos os cliques do século XIX. Para comparação, em 1990 foram realizadas 57 bilhões de fotos analógicas. Uma década mais tarde, em 2000, esse número saltou para 86 bilhões sendo ainda 99% analógicas. Já em 2011 o cenário foi revertido e somente 1% das quase 400 bilhões e fotos eram analógicas.

Esses números comprovam, portanto, a reformulação do acesso a esse tipo de conteúdo tanto em sua produção quanto em seu consumo. Fatalmente tal reconfiguração e popularização da fotografia trouxe mudanças no cenário do fotojornalismo que antes era restrito e atualmente conta com a participação do público no registro de imagens do dia a dia e de variados temas. A tal cenário dá-se o nome de jornalismo colaborativo – tema que será exposto no próximo capítulo.

¹ WAKKA, Wagner. **Mais de 5 bilhões de pessoas já contam com celulares em todo mundo.** CANALTECH. 09 set. 2019. Disponível em < <https://canaltech.com.br/smartphone/mais-de-5-bilhoes-de-pessoas-ja-contam-com-celulares-em-todo-mundo-149165/>> Acesso em 30 mai. 2020.

² CANALTECH. **A cada 2 minutos, o mundo tira mais fotos do que todos os clicks do século XIX.** Disponível em: <<https://canaltech.com.br/curiosidades/A-cada-2-minutos-o-mundo-tira-mais-fotos-do-que-todos-os-clicks-do-seculo-XIX/>>. Acesso em 30 mai. 2020

3 O JORNALISMO PARTICIPATIVO

Esse capítulo irá abordar sobre interatividade, surgimento do jornalismo participativo, como ele se configura no jornal impresso e como o cidadão se tornou também produtor de notícias. Além disso, será abordada sobre a participação do público com os veículos de comunicação e também sobre a seção de jornalismo participativo, o “Eu Repórter”, na versão digital do jornal O Globo.

3.1 A nova era da participação

A participação do público nos veículos de comunicação não é um fenômeno novo e o leitor, mesmo que não tão ativo, sempre teve um espaço para falar. No início, nos jornais impressos, era possível que o cidadão recorresse às cartas para que pudesse interagir com o veículo. Conforme Melo (1994, p. 177), “a carta é contudo aquele espaço em certo sentido democrático, ao qual cada um pode recorrer.” Segundo entrevista dada a Melo (1994), Alcides Lemos, editor da seção “São Paulo Pergunta” do Jornal da Tarde, diz sobre a importância desse espaço participativo:

Por isso Alcides Lemos reivindica o aumento desse espaço, senão como a “conquista de um direito” dos leitores e espectadores dos veículos de comunicação, pelo menos “como uma homenagem ao mais antigo veículo de comunicação social (anterior mesmo à tipografia), à mais pura forma de jornalismo: a carta (MELO, 1994, p.177).

Ainda antes mesmo do aparecimento da internet, os jornais impressos já dispunham de formas de participação que eram realizadas através de cartas e ligações. De acordo com Silva (2013, p.25), “a interferência de leitores no material produzido por veículos de comunicação não é exclusividade do século XXI, cenário no qual o conceito de jornalismo colaborativo se desenvolve.” Outra forma de participação, que se deu no começo da popularização da internet, foi o emprego do *e-mail* que também permitia que o leitor tivesse contato direto com a redação do jornal e ainda é muito utilizado.

Com relação à interatividade, nos suportes tradicionais já havia muitas possibilidades de participação do público interagir como o meio, desde o contato com a redação para enviar sugestões de pauta até a participação por telefone em programas de rádio ou a publicação de cartas em seções específicas do jornal. Essas práticas, exercidas nas redes digitais, seriam consideradas apenas continuções (MIELNICZUK; SILVEIRA, 2008, p.3).

A televisão também foi um meio que permitia a participação do telespectador, sendo assim também não é um fenômeno novo. Nela, o público conseguia participar através de telefonemas para contribuir com notícias, opinar e sugerir pautas. De

acordo com Laurenza (2008) *apud* Silva (2012, p. 9), “o primeiro programa de audiência interativa da TV brasileira data de 1953.”

O advento da internet trouxe a aparecimento das novas tecnologias, as quais, possibilitaram que a comunicação se tornasse mais instantânea e interativa. Atualmente, com a internet, é mais fácil que pessoas interajam e recebam alguma resposta. Para Médola e Grzesiuk (2010, p.2), “interatividade é a característica aclamada como um dos principais avanços dos processos comunicativos atuais.” O que Lemos (1997) *apud* Silveira (s/d, p.2) define como interatividade digital:

Podemos compreender a interatividade digital como um diálogo entre homens e máquinas (baseadas no princípio da micro-eletrônica), através de uma “zona de contato” chamada de “interfaces gráficas”, em tempo real. A tecnologia digital possibilita ao usuário interagir, não mais apenas com o objeto (a máquina ou ferramenta), mas com a informação, isto é, com o “conteúdo” (LEMOS, 1997, *apud* SILVEIRA, s/ano, p.2).

Com os níveis de interação mais avançados devido à popularização da internet, a chegada da tecnologia acarretou algumas mudanças no jornalismo e desde o começo até os dias de hoje muitas foram as transformações. Os veículos tiveram que se adaptar com as atualizações que foram surgindo e, assim, várias novidades chegaram para acrescentar na profissão.

No início, os sites jornalísticos começaram com a reprodução de conteúdo dos impressos e somente depois apareceram veículos interativos e personalizados (FERRARI, 2014). Com a ampliação do acesso à internet, surge o jornalismo *online* que possibilitou que muitos jornais criassem sites noticiosos e assim produzissem conteúdo jornalístico *online* para seu público. É nesse contexto que surgem novas formas de participação do leitor e, segundo Madureira (2010, p.36), “estas novas ferramentas digitais amplificaram a voz do receptor dentro do processo comunicacional.” Para Mielniczuk e Silveira (2008, p.1), “trata-se de um fenômeno que possui como um dos principais motivos propulsores o desenvolvimento da web 2.0.”

Nesse contexto, práticas interativas despertam atenção no campo do jornalismo. Além de pautar as discussões na sociedade, o jornal agora também convida o leitor a participar da produção das notícias. O momento é de grande proliferação de sítios, portais ou blogs que veiculam informações de interesse jornalístico (MIELNICZUK; SILVEIRA, 2008, p.1).

Com os jornais disponibilizando todo seu conteúdo impresso em versão digital, os leitores encontraram mais facilidade de interagir com o veículo. Segundo Ferrari (2014) o Jornal do Brasil, em 1995, foi o primeiro a ter um site jornalístico e

logo em seguida O Globo criou sua versão digital. Assim, outros veículos foram implementando seus websites para que pudessem publicar notícias direto na internet.

É com a popularização da internet que o jornalismo colaborativo se expande, e que, segundo Madureira (2010, p.7), “o fenômeno parte do princípio que qualquer cidadão é um jornalista em potencial, e pode contribuir para a construção do noticiário” e que tal ganhou força no Brasil durante a primeira década dos anos 2000. Para Moretzsohn (2007) *apud* Pinheiro (2009, p. 9) “a participação do receptor na construção da mensagem foi difundido na internet através dos chamados *blogs*.” Tal conceito irá se aplicar também para as mídias tradicionais, como, por exemplo, os jornais impressos.

Nesse contexto de jornalismo colaborativo, surge também o termo “cidadão-repórter” ou “jornalista-cidadão”, que conforme Borges (2016, s/p), “é o ator social que interage com a grande imprensa, opinando ou sugerindo assuntos que deseja ver nas edições jornalísticas”. Para Lapolli e Amaral (2009, p.8), “O papel do cidadão repórter existe há algum tempo, porém a internet permitiu que esta fórmula ganhasse uma dimensão bem maior, ao possibilitar um nível de interação mais avançado entre jornalistas e público.”

O aperfeiçoamento da tecnologia também foi outro fator para o desenvolvimento do jornalismo colaborativo. A colaboração feita para os jornais digitais foi possível devido ao aparecimento de novas câmeras e celulares mais modernos e assim o público se tornou capaz de contribuir com fotos, vídeos, textos e áudios de onde estiver e em tempo real. Para Allan (2009) *apud* Mesquita (2010, p.6), um momento importante para o jornalismo colaborativo foi o tsunami que aconteceu no Sul da Ásia em 2004.

A quantidade notável de filmagem de vídeo amador, fotos instantâneas de celular – muitas das quais foram postadas em blogs e páginas pessoais – sendo feitas por cidadãos comuns que estavam no momento (turistas, em muitos casos) foi largamente reconhecido como uma contribuição única para a cobertura do jornalismo de massa (ALLAN, 2009, p. 18).

Segundo Corrêa e Madureira (2010), tal fenômeno surgiu nos Estados Unidos e Ásia e no Brasil alguns portais começaram a lançar canais que permitiam o leitor a participar com envio de vídeos, textos e fotos. Para Bowman e Willis (2003) *apud* Corrêa e Madureira (2010, p.11) “o objetivo dessa participação é prover informações

independentes, confiáveis, precisas, abrangentes e relevantes, necessárias à trajetória e ao equilíbrio da democracia.”

As novas tecnologias associadas à popularização da Internet, a partir da década de 90, potencializaram a interatividade, a instantaneidade e a hipermídia possibilitando aos cidadãos comuns uma co-participação crescente no processo produtivo de notícias para web, televisões e jornais. Essa nova fase vem sendo denominada, por alguns autores, como jornalismo participativo (MESQUITA, 2010, p.1).

Além do jornalismo participativo, existem alguns autores que apresentam outros termos para se referir à prática, como por exemplo, jornalismo cidadão, jornalismo *open source*, e jornalismo colaborativo. Foschini e Taddei (2006) *apud* Silva (2013, p.29) faz uma síntese dos principais termos para se referir a essas práticas:

Jornalismo participativo – Ocorre, por exemplo, nas matérias publicadas por veículos de comunicação que incluem comentários dos leitores. Os comentários somam-se aos artigos, formando um conjunto novo. Dessa forma, leitores participam da notícia. Isso é mais frequente em blogs. Jornalismo colaborativo - É usado quando mais de uma pessoa contribuiu para o resultado final do que é publicado. Pode ser um texto escrito por duas ou mais pessoas ou ainda uma página que traga vídeos, sons e imagens de vários autores (FOSCHINI; TADEI, 2006, p. 29).

Já o modelo *open source*, segundo o autor, “propõe um formato de trabalho mais diferenciado, voltado para um nicho.” Para Targino (2009, p.59) “todas essas novas expressões demarcam as distinções entre a web tradicional, e esta, que se expande como rede social, privilegiando a participação, a colaboração do cidadão e dos grupos sociais à frente da produção de notícias.”

Existem vários sites que são voltados à participação do público, como por exemplo, o *Slashdot*, *Ohmy News* e o *Wikinews*. O *Slashdot* é um dos sites de *webjornalismo* participativo mais conhecidos e procurados por quem deseja informações sobre tecnologia informática. Já o sul-coreano *Ohmy News* busca ser um *webjournal* de cobertura mundial e, diferente dos outros, as notícias são editadas por uma equipe de jornalistas profissionais (PRIMO; TRÄSEL, 2006, p.12).

De 2000 a 2004, o site funcionou exclusivamente na Coreia do Sul. Em 2004, uma edição internacional foi criada e mantida até 2010. O modelo contava com exclusivamente colaboradores que, eventualmente, eram pagos como freelancers. Desde o primeiro dia, um time de jornalistas fazia o trabalho de edição do conteúdo, mais como curadores do material. Em 2003, pouco antes da criação da edição internacional, o site recebia cerca de 200 contribuições, sendo que 70% do conteúdo era publicado (SILVA, 2013, p.40).

Com a ampliação do acesso à internet, o jornalismo participativo também chegou aos jornais impressos, que tiveram que se moldar às características da internet e assim criar suas versões *online* para atender o novo jeito de consumir notícias do público. Muitos outros veículos de comunicação abriram portas para a colaboração do público em seus canais digitais, como a CNN, o jornal inglês The Guardian, BBC, entre outros. Para Oliveira (2013, p.14) “os conglomerados foram levados a adotar esses canais para que a audiência tivesse a sensação de estar participando mais ativamente do processo de produção da notícia”.

Além dos jornais impressos, outras mídias também aproveitaram para explorar ainda mais a participação com o público, como, por exemplo, a televisão que utiliza a seção colaborativa “VC no G1”(Figura 10), da TV Globo, para o envio de fotos, vídeos e textos e que poderão ser selecionados para passar no telejornal.

Figura 10: Página para selecionar os canais colaborativos do G1



Fonte: Disponível em: <<https://g1.globo.com/vc-no-g1/noticia/vc-no-g1-como-enviar-video-foto-e-mensagem-para-a-tv-globo-e-o-g1.ghtml>> Acesso em 20 agosto 2020

No Brasil, importantes jornais também permitiram que o leitor pudesse participar e colaborar com informações em seus *websites*. Segundo Abreu (2003, p.31) “hoje, praticamente todos os jornais de grande circulação no eixo Rio-São Paulo mantêm colunas ou seções abertas ao público e procuram dar soluções a algumas das reclamações recebidas.”

Na década de 1990, houve um aumento considerável do número de jornais que abriram espaço para reivindicações dos leitores e houve também um aumento no número de usuários das colunas ou páginas de serviços. Agora, tantos os jornais populares, como o Extra e O Dia, no Rio de Janeiro, e o Diário Popular, em São Paulo, quanto os grandes jornais, como O

Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo, O Globo e o Jornal do Brasil, estão voltados para o atendimento das reivindicações dos leitores (ABREU, 2003, p. 31).

Após a implementação de seções de jornalismo colaborativo pelos grandes veículos de comunicação, o leitor ganhou mais espaço e se tornou um coprodutor, podendo contribuir com informações que sejam de relevância jornalística. Em 2006, alguns dos principais portais brasileiros lançaram seções que permitiam que o leitor participasse e contribuísse com fotos, vídeos e textos. Alguns exemplos como VC Repórter, do Terra; o VC no G1, da Globo.com e o Minha Notícia, do IG. (CORRÊA; MADUREIRA, 2010, p. 3).

No “VC Repórter (Figura 11) do portal Terra, é possível participar através do *WhatsApp* e também pelo *e-mail* disponibilizado. Segundo o site, todas as informações são checadas e um texto é redigido por uma equipe de jornalistas.

Figura 11: Notícias publicadas no “VC no G1” do portal Terra



Fonte: Disponível em: <<https://vcreporter.terra.com.br/>> Acesso em 20 agosto 2020

De acordo com Persichetti (2006) o jornal Estado de S. Paulo foi o primeiro a adotar a prática e logo em seguida o portal Terra e jornal O Globo. Outro jornal que conta com um projeto de participação é o Estadão com o “Foto Repórter”, que desde 2005, permite que o leitor colabore com fotos, vídeos e textos.

3.2 O jornalismo participativo no O Globo e o “EU Repórter”

Desde muito tempo, O Globo permite que seus leitores participem de alguma forma do conteúdo do jornal. Em 1993, o jornal abriu o espaço “Carta dos Leitores” para que seu público pudesse sugerir pautas, enviar denúncias, e até mesmo, opinar em reportagens. Tal espaço é uma iniciativa do veículo de dar voz aos seus leitores

sobre temas relevantes. Pouco tempo depois, o jornal foi implantando novas ferramentas que permitiram o leitor a participar ainda mais.

Para Dornelles e Laux (2012, p.3), “no Brasil, tornou-se referência de jornalismo colaborativo o jornal O Globo, que aborda diversas ações para captar a audiência.” Como já mencionado, o jornal O Globo foi um dos primeiros jornais a implantar um *website*. Segundo o Memória Globo³, em julho de 1996, o lançamento do site “O Globo Online” (Figura 12) foi em comemoração ao aniversário do jornal e todo o conteúdo não passava de uma cópia do conteúdo impresso para o *site* e ao longo dos anos, o jornal seguiu lançando novidades para seu público.

Figura 12: Página do O Globo Online



Fonte: Disponível em: <<http://memoria.oglobo.globo.com/linha-do-tempo/o-globo-na-rede-9200005>>
Acesso em 23 agosto 2020

Em 2006, O Globo lançou a edição digital do jornal, que possibilitou o leitor acompanhar as notícias reproduzidas do jornal impresso, pelo computador ou celular. Com o lançamento das plataformas digitais e surgindo cada vez mais novos formatos e ferramentas mais interativas, o jornal O Globo passou a adotar também a seção de jornalismo participativo. Em sua versão digital, conta com o “Eu Repórter” (Figura 13), que é um espaço onde leitores podem colaborar com informações que,

³ O GLOBO NA REDE. Disponível em: <http://memoria.oglobo.globo.com/linha-do-tempo/o-globo-na-rede-9200005> Acesso em 20 agosto 2020.

segundo *site*⁴, é tudo feito por uma equipe de repórteres que seleciona e checa todo o material recebido.

Figura 13: Página do “Eu Repórter” do O Globo



Fonte: Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/eu-reporter/eu-reporter-veja-como-transformar-seu-flagrante-em-noticia-3214613>> Acesso em 23 agosto 2020

O “Eu Repórter” foi criado em 2006, pouco tempo depois do lançamento da versão digital do jornal. O espaço tem como objetivo receber conteúdo produzido por leitores como fotos, vídeos e textos. Ainda no ano de criação, o jornal lançou o aplicativo “Eu Repórter” para Iphone. É possível participar e enviar o conteúdo via computador ou celular. Pelo computador, após fazer um cadastro, a página do O Globo disponibiliza um formulário (Figura 14) para que possa preencher e mandar sua colaboração.

⁴ EU REPÓRTER O GLOBO. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/eu-reporter/eu-reporter-veja-como-transformar-seu-flagrante-em-noticia-3214613> Acesso em 23 agosto 2020.

Figura 14: Formulário do “Eu Repórter”

O GLOBO EU-REPÓRTER

Eu-Repórter

Transforme seu flagrante em notícia. Seção de jornalismo participativo online do site do jornal O Globo. Os leitores são repórteres, mande sua história em foto, vídeo, texto e áudio.

todos os campos são de preenchimento obrigatório

Nome:
 E-mail:
 Telefone:
 Mensagem:
 Imagem, vídeo ou áudio: Nenhum arquivo selecionado
 Nenhum arquivo selecionado
 Nenhum arquivo selecionado

Fonte: Disponível em : <<https://oglobo.globo.com/eu-reporter/participe/>> Acesso 25 agosto 2020

Já pelo celular, a própria página do O Globo disponibiliza um número de *WhatsApp* para que o leitor envie sua contribuição de maneira mais rápida e outra opção que é oferecida também é o envio por *e-mail* para a equipe responsável pela seleção do material.

A seção de jornalismo participativo também funciona em outras editorias do jornal. É possível encontrar a colaboração dos leitores também nos Jornais de Bairro do O Globo na seção do “Eu Repórter”. Foi iniciado em 1963, com “Rio de bairro em bairro”, mas somente em 1982 que surgiu o primeiro suplemento, “O Globo-Tijuca” (Figura 15). Segundo Memória Globo⁵, no mesmo ano foram lançados outros cadernos e logo após, a editoria dos Jornais de Bairro ganhou força e fez sucesso.

⁵ JORNAIS DE BAIRRO O GLOBO. Disponível em: <<http://memoria.oglobo.globo.com/linha-do-tempo/jornais-de-bairro-9173648>>. Acesso em 28 agosto 2020

Figura 15: Primeiro jornal de bairro



Fonte: Disponível em: <<http://memoria.oglobo.globo.com/linha-do-tempo/jornais-de-bairro-9173648>>

Acesso em 26 agosto 2020

O lançamento dos jornais de bairro tinha como objetivo privilegiar os assuntos de determinada comunidade e ter uma cobertura local do dia a dia no Rio. Segundo Pinheiro (2009, p.13), “o suplemento Jornal de Bairros de O Globo dedica um espaço de jornalismo participativo para que o leitor envie informações que ele julgue ser relevante sobre seu bairro.” Sendo assim, os jornais de bairro também se tornaram importantes para que determinada comunidade pudesse mostrar assuntos que antes não eram tão vistos.

Portanto, é possível perceber que o jornalismo participativo sempre existiu nos meios de comunicação e com a popularização das novas tecnologias ele foi crescendo cada vez mais e hoje nota-se que muitas empresas jornalísticas utilizam dele para que seu público tenha uma relação mais próxima. Inclusive, o jornal O Globo é um veículo que recebe sempre esse tipo de participação de leitores e é o que será exposto no próximo capítulo.

4 A PARTICIPAÇÃO NA SEÇÃO “EU REPÓRTER”

Neste capítulo será feita uma análise das fotografias enviadas pelos leitores à editoria de jornalismo participativo, “Eu Repórter”, do jornal impresso O Globo, em sua versão digital, nos Jornais de Bairro para mostrar, no período de janeiro, fevereiro e março de 2019 – meses selecionados de forma aleatória - a quantidade de fotografias que o público envia e também mostrar quais são as principais categorias que são recebidas pelo veículo.

Além desses dados, também será levantado o desenvolvimento da seção de jornalismo participativo durante os anos de 2006, 2009 e 2013 a fim de mostrar desde o início como funcionava a participação do público por meio do envio de fotos. Os dados da quantidade de fotografias e as principais categorias serão disponibilizados em forma de tabela em que constarão os dias, números de fotos, os principais cadernos em que mais são publicadas estas fotos e as categorias mais recorrentes.

A análise tem como objetivo mostrar a participação e contribuição do leitor nessa seção de jornalismo participativo do O Globo e observar se existem mudanças significativas nessa seção. Com intuito de ponderar também acerca de como esta situação é percebida pelos fotojornalistas, essa pesquisa se propôs a conversar com profissionais da área, o que resultou em um podcast⁶ que está público e que conta com as autorizações devidas. Trechos transcritos serão ponderados ao longo dessa análise com a intenção de cumprir com o objetivo de investigar o posicionamento dos profissionais acerca do cenário de fotojornalismo participativo e contribuir com pontos de vista que envolvem a temática.

4.1 Análise da participação popular em 2019

Nessa pesquisa foram analisadas 36 fotografias enviadas por leitores do jornal impresso O Globo e em sua versão digital, aos suplementes de bairros durante os meses de janeiro, fevereiro e março de 2019. O ano de 2019 foi

⁶Fonte: Disponível em: <https://anchor.fm/andreza-waack-melo/episodes/PODCAST-COM-FOTOJORNALISTAS-eInf19>

escolhido em decorrência do ano de 2020 não haver tantas publicações de fotografias no jornal.

Antes de publicadas, essas matérias passam por uma avaliação. Segundo Milton Calmon, editor do jornal de bairro do O Globo, todos os bairros possuem um *e-mail* para receber as sugestões do público. O material é reproduzido e se houver necessidade tem revisão e cortes. Observou-se que o mês de março foi o que mais apresentou conteúdo com fotos nos jornais de bairro, ao todo com 14 fotos de algum tipo de denúncia feito por leitores e publicado na seção de jornalismo participativo.

Tabela 1: dados analisados dos meses de janeiro a março de 2019

MESES	QUANTIDADE DE FOTOS	CADERNO BAIXADA	CADERNO ZONA OESTE	CADERNO NITERÓI
JANEIRO	10	4	4	2
FEVEREIRO	12	4	4	4
MARÇO	14	5	5	4

Fonte: elaborada pela autora

Quanto ao número de publicações feitas nesses cadernos, constatou-se que as publicações são encontradas, em maior número, nos seguintes cadernos: Niterói, Zona Oeste e Baixada. Os outros cadernos como Barra, Zona Sul e Zona Norte não constam fotos enviadas por leitores.

Em entrevista, o fotojornalista Gabriel Monteiro, do jornal O Globo, conta sobre a escolha dessas fotos amadoras enviadas ao jornal:

Esse fluxo de fotos amadoras chega direto ou pelos repórteres ou já nos nossos editores, que cada editoria dentro do jornal tem um segmento de edição, que são as “chefias”, que vão determinar e dialogar com as outras editorias as nossas matérias e o que interessa, o que não, o que precisa de fotografia para abastecer o jornal e o *online*. Então esse material amador... ele chega direto, na maioria dos casos, para os editores vindo dos repórteres e não dos fotógrafos necessariamente (*sic*) (MONTEIRO, 2020).

Além do funcionamento da chegada desse tipo de conteúdo, os profissionais avaliam também as mudanças no fotojornalismo a partir da popularização da *internet*. O fotojornalista Brenno Carvalho, também colaborador do O Globo, enfatiza que a popularização foi positiva tanto para sociedade quanto para a prática.

Antigamente, fotojornalismo era algo elitizado e tinha pouquíssimo fotógrafos que se especializavam no fotojornalismo e isso acabava criando um distanciamento da sociedade com os profissionais. Antigamente, o fotógrafo ficava mais focado em trabalhar para o jornal impresso e agora, com o acesso a conteúdos digitais, quanto mais gente acessa nossos produtos mais tempo produz e com mais qualidade (*sic*) (CARVALHO, 2020).

É importante ressaltar que todas essas informações enviadas por leitores ao jornal passam por critérios de avaliação e segundo o editor dos Jornais de Bairro do jornal O Globo, Milton Calmon, esses critérios são: ineditismo, relevância e informação – se a foto é boa ou se o texto faz sentido – e espaço editorial, que segundo ele, “mesmo quando a seção era publicada regularmente, sua edição dependia do formato dos anúncios, hoje não temos mais esse espaço editorial, independentemente dos anúncios”.

Nota-se também que as denúncias são seguidas de um texto e as vezes até escrito pelo leitor, que relata com suas palavras o problema daquela localidade. A participação para Fonseca e Lindemann (2007), tem a ideia dar a chance de que mais pessoas possam ter voz no espaço público e tal prática permite que leitor contribua com conteúdo para o jornal.

As fotografias no “Eu Repórter” são encontradas de duas formas diferentes (Figura 16) em cada jornal de bairro: a primeira forma é encontrada no caderno “Fala, Baixada” ou “Zona Oeste” na página 2 do jornal Extra – que compõe o mesmo grupo editorial – que reserva, eventualmente, um espaço para publicação de envio de fotos e textos dos leitores. Nesse caso, é mostrado o problema daquele determinado bairro ou comunidade, seguido de um texto, as vezes escrito pelo próprio leitor. A segunda forma é encontrada no caderno “Fala, Niterói”. A seção de jornalismo participativo aparece no canto e não é disponibilizada toda a página para o relato. Nesse caso, observou-se que no dia 13 de janeiro de 2019 a participação é publicada acompanhada de uma foto e texto também feito pelo próprio leitor.

Figura 16: formas de encontrar o “Eu Repórter” no Jornal de Bairro



Emaranhado de fios

TEXTO E FOTO DO LEITOR
Emerson Rios

“Esta cena é vista na esquina da Estrada Francisco da Cruz Nunes com as Ruas Juriti e com a Rua Uirapuru, em Itaipu. O projeto inicial da Transoceânica contemplava o aterramento de toda a fiação no entorno da estrada, porém isso foi mudado com o andamento das obras e temos essa confusão de fios, que se repete em vários pontos da via. É um absurdo, tendo em vista os gastos vultuosos feitos com a reforma da estrada.”

A Enel esclarece que a fiação em questão é de telefonia, portanto de responsabilidade das empresas de telecomunicações. Já a Secretaria municipal de Conservação e Serviços Públicos informa que enviará uma equipe ao local para realizar ação de fiscalização.

2) BAIXADA

FALA, BAIXADA

Eu Repórter

SAÚDE PÚBLICA

Esgoto a céu aberto em Caxias

Os moradores da Rua Itacibá, no Itatiala, bairro de Duque de Caxias, estão na bronca com o esgoto a céu aberto que está escorrendo pela via. “Alô autoridades, vamos dar uma atenção para a região? Estamos correndo o risco de pegar uma doença nesta situação. Alguém tem que tomar uma providência, porque isso é o básico que o ser humano merece receber para viver com alguma dignidade”, exige um morador indignado.



Fonte: Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=20102019>> Acesso em 05 out. 2020

Além disso, ao final do texto do leitor publicado pelo caderno “Fala, Niterói”, é encontrado também a resposta para o problema exposto pelo leitor. A empresa responde se o problema está relacionado a ela e apresenta uma possível solução para a situação. Percebe-se também que o texto publicado nem sempre é do próprio leitor. O jornalista escreve, e logo em seguida, coloca algumas palavras do cidadão.

Segundo Milton Calmon, o jornal busca ir atrás de uma solução para aquele determinado problema. O repórter entra em contato com o responsável ou empresa a fim de solucionar ou obter uma resposta para averiguar acerca da queixa do leitor.

As notícias encontradas no “Eu Repórter” no jornal de bairro mostram diferentes temas do dia a dia de determinada localidade. Com o advento da internet e a chegada das novas tecnologias, a população consegue compartilhar informações e contribuir com assuntos relevantes para o jornal e, segundo Medola e

Grzesiuk (2010), o público utiliza desse processo, a fim de proporcionar novas linguagens e novas práticas comunicativas.

Quanto ao conteúdo publicado nesses cadernos, percebe-se que todos são relacionados a algum problema de determinado lugar. Nota-se que as publicações são feitas a fim de mostrar a insatisfação e até mesmo procurar uma solução para aquela comunidade. Tais problemas puderam ser sintetizados e organizados em seis categorias, a fim de mostrar quais são os mais publicados nos meses de janeiro, fevereiro e março de 2019, conforme demonstra Tabela 2.

Tabela 2: principais categorias existentes

CATEGORIA	QUANTIDADE
TRANSPORTE	5
SAÚDE PÚBLICA	7
REDE ELÉTRICA	4
ÁGUA	3
INFRAESTRUTURA E OBRAS	15
OUTROS	2

Fonte: elaborada pela autora

Com um total de 36 fotos analisadas, as que mais tiveram destaque apareceram na categoria de Infraestrutura e Obras. Os temas elencados nesta categoria foram: ruas sem asfalto, calçada quebrada e buracos no meio da rua. A categoria Saúde Pública ficou em segundo lugar, sendo os principais temas: lixo entulhado e esgoto a céu aberto. Em terceiro lugar aparece Transporte, com os principais registros de problemas em ônibus. Em quarto lugar, a categoria Rede Elétrica mostra os principais registros de problemas em postes e fios soltos que podem apresentar perigo. Em quinto, aparecem 3 fotos na categoria Água, onde reclamações sobre a falta ou sujeira na água são os assuntos. Por fim, a categoria Outros apresenta registros sobre serviços e festa.

Figura 17: Fotos dos leitores no “Eu Repórter” em 2019

Eu Repórter

DESCASO E DESPERDÍCIO

Água jorra sem parar

A moradora de uma casa localizada na Rua Mauro Arruda, no Centro de Nova Iguaçu, se queixa de que há um vazamento de água na calçada próximo à sua residência (foto), na altura do número 71. A água fica jorrando durante 24h sem parar. Segundo ela, é um misto de descaso com desperdício. A leitora alega ter feito várias reclamações à Cedae e à prefeitura, mas os dois órgãos empurram a responsabilidade um para o outro.



FOTO DO LEITOR

Eu Repórter

PERIGO NA REDE ELÉTRICA

Poste caindo aos pedaços

O leitor Eduardo Calvano, de 41 anos, está preocupado com um poste na esquina das ruas Campo Formoso e Gerardo Braga, em Guaratiba, que ameaça cair. O motorista conta que vários moradores do bairro já fizeram reclamações na Light, e, até agora, nada foi feito. Quando venta um pouco mais forte, segundo Eduardo, chega a faltar luz nas residências das duas ruas. Ainda de acordo com o leitor, trata-se de uma rede elétrica que está sobrecarregada, sendo sustentada por um poste em péssimas condições. “Aqui na rua passam várias crianças e idosos ao lado deste poste, e meu maior medo é que um dia ele caia em cima de alguém. O que segura ele em pé é a rede elétrica”, revela Eduardo. O morador da Zona Oeste afirma ainda que há outro poste na mesma rua que também ameaça cair, balançando com os ventos.



RISCO E MEDO EM GUARATIBA

Eu Repórter

ASFALTO

Estrada do Lameirão está cheia de crateras

Motoristas da região reclamam das condições do asfalto da Estrada do Lameirão, importante via que liga Banqu a Campo Grande. “Tem mais crateras do que a Lua. Próximo ao radar, tem um buraco tão grande que os motoristas precisam parar o carro e seguir bem devagarzinho”, diz Alexandre Machado, morador de Banqu. Em alguns pontos, os buracos já fizeram até mesmo aniversário. Alô, prefeitura!



Cratera na Estrada do Lameirão, na altura do radar: perigo na pista

Fonte: elaborada pela autora

Como já exposto no primeiro capítulo, a fotografia passou por grandes transformações que auxiliaram a prática a ser o que é hoje. Questionado sobre a perda de espaço do fotojornalista em decorrência da popularização das fotografias amadoras, Gabriel (2020), do O Globo, acredita que “a perda de espaço do fotojornalista no mercado de trabalho não seja apenas devido ao volume de fotos

amadoras. Com a evolução do digital, a fotografia ficou mais fácil, mais presente na nossa vida (*sic*).”

Já o fotojornalista Brenno Carvalho, também do O Globo avalia o futuro do fotojornalismo diante da popularização das câmeras e celulares “acho que só tem a agregar à sociedade, porque quanto mais informação e relatos a gente tem, mais a sociedade ganha. Não adianta eu estar em um local que só produz e eu tenho que ser detentor da produção fotográfica (*sic*).”

Além de fotojornalistas do O Globo, foi feito um *post* na plataforma do *Facebook*⁷, com intuito de trazer opiniões e a fim de compreender o que outros profissionais acham sobre o atual cenário do fotojornalismo colaborativo.

Com muitas opiniões positivas, existe também divergência de posicionamento, como é caso do repórter fotográfico Gabriel Borges (2020), que acredita que “infelizmente, o fotojornalismo foi desvalorizado. Financeira e artisticamente falando. Essa sede por informação em tempo real tirou do foco o valor e a importância de um trabalho bem feito (*sic*).” Já o fotojornalista André Mourão destaca sobre o assunto que:

É a realidade da “nova” forma de se comunicar, o mundo mudou, os veículos de comunicação mudaram [...] A velocidade da informação está cada vez mais rápida e, na maioria das vezes não dá para esperar a imprensa formal, o fotojornalista para registrar o fato [...] Como toda profissão em evolução é preciso acompanhar e se renovar constantemente (*sic*) (MOURÃO, 2020).

Sendo assim, percebe-se que as opiniões são, muitas vezes, positivas em relação ao cenário do fotojornalismo colaborativo e a participação do leitor com fotos permite uma maior aproximação com o jornal. Além disso, alguns acreditam que não há como competir com a velocidade das informações, concorrência com os celulares e que o necessário é se adaptar ao que está acontecendo sem perder seu espaço.

4.2 Análise da editoria em 2006

No ano de 2006, foram analisadas todas as edições do mês de janeiro. Esse mês foi selecionado em todos os anos a fim de não ter diferença na participação observada. Nesse início, é possível perceber que o espaço reservado para

⁷ Post publicado no *Facebook* com a opinião de alguns fotojornalistas. Fonte: Disponível em: <https://www.facebook.com/andreza.waack/posts/3146547582069947>

Figura 19: Cadernos Tijuca e Barra de 2006



Fonte: Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-acervo/?navegacaoPorData=2000200601> Acesso em 07 out. 2020

Seguindo no mesmo ano, em alguns casos como no do caderno “Fala, Zona Norte” (Figura 20), é publicada uma foto do problema, seguida de um relato de insatisfação e indignação do leitor sobre o assunto exposto e nesse caso, a foto publicada não foi enviada por um leitor. Porém, o que ainda prevalece são as cartas que possibilitam que o público conte sobre a situações do lugar onde vive.

Cabe ressaltar que, nessas publicações em que havia o envio de cartas pelo público, não era exposto que estava sendo publicado na editoria do “Eu Repórter”, mas ainda era um tipo de participação muito comum e que o jornal buscava estar sempre publicando, a fim de mostrar a insatisfação do leitor perante aquele problema.

Figura 20: suplemento “Fala, Zona Norte” de 01/01/2006

2 | 1 DE JANEIRO DE 2006 • O GLOBO • ZONA NORTE

Fala, Zona Norte!

Riscos

• Passar pela Rua Arnaldo Guinle, em Acari, é um perigo tanto para automóveis quanto para pedestres. Há dois bueiros sem tampas no local, um na rua e outro na calçada. Em dias de chuva, o risco de acidentes aumenta. Não sei de quem é a responsabilidade, mas a situação não pode ficar do jeito que está.

Lúcia Vicente Acari

Falta d'água

• No Cachambi, para ser mais precisa na Rua Otto de Setembro, estamos enfrentando um sério problema de falta d'água. No dia 20 de dezembro, houve um rompimento em duas adutoras da Cedae e estamos sem abastecimento desde então. O vazamento foi sanado com rapidez, mas ainda não há água em nossas torneiras. Pagamos as contas em dia e exigimos providências. Além do mais, na Otto de Setembro só recebe água em casa quem tem bomba de sucção. A Cedae alega ser aqui final de linha. Será mesmo?

André Ramos de Almeida Cachambi

Esgoto

• É um problema o vazamento de esgoto no Sampaio. Há três anos,

Paulo César Miranda de Carvalho Madureira

moradores da Rua Palm Pamploa reclamam com a prefeitura e a Cedae sobre o vazamento em frente ao número 605, mas não há solução para o problema. Com as chuvas, o esgoto invade as casas.

Raj Cores Sampaio

Tolerância Zero

• O programa Tolerância Zero, que está sendo implantado em Copacabana, deveria ser estendido para outros bairros com os mesmos problemas da “Princesinha da Zona Sul”. Moro em Madureira e aqui não param de crescer as terras de prostituição, próximas à estação de trem. Essas casas de prostitutas estão dominando os sobrados da Rua João Vicente, na Praça Armando Cruz, próximo ao Shopping Tem Tudo. Os travestis também se prostituem. Na Praça do Patrão, ambulantes dominaram completamente o espaço. Eles não deixam os moradores dormir, sujam e depredam a praça. No bairro toda há camelôs e fiavelinhas. O tráfico de drogas corre solto com a convivência dos barbaquinhos, que até indicam o motoboy disponível para buscar o pó na Favela do Cajueiro. Vejam que todos os problemas que Copacabana apresenta, Madureira tem de sobra e, talvez, em dobro.

Paulo César Miranda de Carvalho Madureira



“Passar pela Rua Arnaldo Guinle, em Acari, é um perigo tanto para automóveis quanto para pedestres. Há dois bueiros sem tampas no local, um na rua e outro na calçada. Em dias de chuva, o risco de acidentes aumenta.”

LÚCIA VICENTE • secretária

ASSUNTOS MAIS COMENTADOS DA SEMANA

- 1º Vazamentos de esgoto
- 2º Falta de água em apartamentos
- 3º Falta de iluminação em vias públicas
- 4º Pedido de poda de árvores

Fonte: Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-a-acervo/?navegacaoPorData=200020060101> Acesso em 07 out. 2020

Nesse próximo caso, no suplemento do “Fala, Niterói” (Figura 21), de 2006, percebe-se que há participação, mas também não cita que é na seção do “Eu Repórter”. A foto é feita por uma leitora que reclama do problema de alagamento após forte temporal que fez transbordar o rio próximo a sua casa. O texto não é escrito pelo leitor e, logo em seguida, há uma resposta da empresa responsável acerca do problema. O texto traz a seguinte queixa:

A imagem, que mais parece um rio, é do jardim da casa da auditora fiscal Márcia Rodrigues da Rocha, que mora no Loteamento Jardim Tiririca, em Itaipu. A foto foi tirada pela moradora no último domingo, depois de um temporal que fez transbordar o Rio João Mendes, deixando parte do loteamento debaixo d'água por mais de três horas. Enquanto a Empresa Municipal de Moradia, Urbanização e Saneamento (Emusa) responsabiliza a Serla pelo assoreamento e pela falta de dragagem do rio, o órgão estadual culpa a prefeitura pelas ocupações na margem (O GLOBO, 2006).

Figura 21: caderno do “Fala, Niterói” com participação de leitor.



Fonte: Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=200020060101>> Acesso em 08 out. 2020.

Portanto, neste mês não foram encontradas publicações da editoria do “Eu Repórter” nos cadernos de bairro do jornal. Como já dito, a coluna de cartas é bem mais frequente e há pequenos relatos de leitores, porém sem fotos enviadas por eles.

4.3 Análise da editoria em 2009

Em janeiro de 2009, nota-se que a coluna de cartas ainda aparece com maior frequência. Nesse ano, a editoria do “Eu Repórter” é encontrada, mas ainda não aparece com regularidade. De todos os dias do mês de janeiro analisados, em apenas quatro dias foram encontradas tal editoria com contribuição do público. Comparada com 2006, a participação em caderno de bairro cresceu nesse mês, mesmo que em pequeno grau.

Nesse mesmo ano, na publicação do dia 04 de janeiro (Figura 22) contém as cartas dos leitores e, logo abaixo, aparece a editoria do “Eu Repórter”, porém com apenas o texto escrito pelo leitor e com citação da fonte. A foto publicada não é feita pelo mesmo.

Figura 22: caderno “Fala, Zona Norte” de 2009

04 DE 2009 • O GLOBO • ZONA NORTE

Fala, Zona Norte!

Cedae

- Há mais de dois meses uma tubulação de esgoto da Cedae vaza incessantemente na Rua Caminho de Matheus, em Itaipuaçu. Esta situação lamentável está acontecendo ao lado de um grupo onde crianças brincam diariamente, em brinquedos instalados recentemente pela prefeitura. O problema é frequente e recorre na região. A esquina das ruas Marques da Cruz e Caminho de Matheus também sofre de mesmo problema, assim como outras áreas dos bairros de Itaipuaçu e Piraes.

Edson Ratinho de Souza
Itaipuaçu

- Quem passa pela Rua Fortaleza Chaves, na altura do número 113, se depara com um vazamento de tubulação da Cedae que já dura muito tempo. Será que esse desperdício é arcaico pela empresa ou cai na conta dos moradores do entorno?

Nilton Ribeiro da Silva
Água Santa

Caça-níquel

- Tempos atrás, denunciei a desordem causada por um jogoque na Rua das Associações, ao lado do número 228, em Rocha Miranda. Agora, há um agravante. Esse jogoque tem uma máquina caça-níquel que fica na calçada e é usada por menores de idade, assim como melancias da área. Já liguei para a polícia e o Dapac-Orinocúria, mas nada foi feito. Não aguardamos mais tanta impiedade. Máquinas caça-níquel são proibidas, mas aqui, em Rocha Miranda, há uma em cada esquina.

Ricardo Lopes
Rocha Miranda

As cartas encaminhadas aos Jornais de Notícias (Rua Império Marinho, 35 - CEP 20.133-900) devem ser assinadas e, assim como e-mail, conter nome completo, endereço e telefone do remetente. Quando o texto não for suficientemente conciso, serão publicados os trechos mais relevantes.

EU-REPÓRTER

Hélio Pereira



■ O VAZAMENTO na Rua Barão do Bom Retiro em 20 de dezembro

Vazamento de água no Engenho Novo

- Existe um vazamento de água potável na Rua Barão do Bom Retiro, em frente ao número 96, no Engenho Novo. A água corre como uma cachoeira, numa clara demonstração de desperdício numa época do ano em que o calor provoca o aumento o consumo. Alô, Cedae, cadê você?

O texto é do leitor Gutemberg Alberto do Nascimento.

Eu-Repórter é a seção de jornalismo participativo do GLOBO. Para participar e enviar sua notícia, acesse oglobo.com.br/euraporter

Fonte: Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-acervo/?navegacaoPorData=200020090104> Acesso em 09 out. 2020

As outras três participações encontradas (Figura 23) são dos dias, respectivamente, 11, 18 e 25 de janeiro de 2009. Todas elas, estavam no caderno do “Fala, Zona Norte”. Além disso, em todas as matérias, as fotos e também os

textos são feitos por um leitor e todos com o mesmo objetivo de mostrar a insatisfação sobre o problema relatado. O nome do leitor aparece, na maioria das vezes, em cima da foto publicada e assim, há sempre a citação da fonte daquela foto ou texto.

Figura 23: caderno “Fala, Zona Norte” com participação de leitores.



Fonte: elaborada pela autora

Na primeira matéria, o leitor Edson Rufino de Souza, reclama em seu texto que há dois meses há um problema de vazamento de esgoto e seu texto vem acompanhado de duas fotos que mostram a tubulação de esgoto. Logo após o texto, há uma pequena nota com a resposta da empresa responsável, no caso a Cedae, onde afirma que irá mandar uma equipe para vistoriar o problema.

Na segunda matéria, o leitor Machado Souza, reclama dos transtornos causados pelos buracos nas ruas. Nesse caso, a foto e o texto também foram feitos pelo leitor e não há resposta de autoridades. Na terceira matéria, o leitor Gustavo de Souza Lima, enviou uma foto e um texto em que relata sobre as condições de uma escadaria e ao final também não há respostas de autoridades.

4.4 Análise da editoria em 2013

O ano de 2013, comparado aos anos 2006 e 2009, é o que mais há participação do público nos cadernos de bairro com envio de fotos. Ao longo dos anos, foi observado um aumento, mesmo que vagaroso, na quantidade de conteúdo fotográfico enviado pelo público. A possibilidade de fotografar foi aumentando e como Silva e Queiroga (2010, p.5) apontam: “fotografar é hoje, de modo cada vez mais claro, um ato vinculado à mobilidade, à conexão e ao atrelamento com outras mídias e/ou possibilidades articulatórias de discurso.”

Nesse ano, o jornal O Globo, disponibilizou a parte de jornalismo participativo em uma seção fixa na página 2 do jornal Extra em apenas dois cadernos mais frequentes: Zona Oeste e Baixada. Durante o período da análise, observou-se nove contribuições de leitores com envio de fotos. Desta vez, todas as participações foram publicadas na seção do “Eu Repórter”.

As publicações possuem o mesmo perfil, sendo acompanhadas das cartas de outros leitores e cabe destacar também, que essa página é toda destinada ao conteúdo participativo (Figura 24). As fotos e os textos também possuem a citação da fonte que os enviou.

Figura 24: Relato de leitor na seção do “Eu Repórter”

Eu Repórter



FOTO DO LEITOR ADRIANO MOREIRA

Água jorrando na rua

VAZAMENTO CAUSA DESPERDÍCIO

O chafariz da rua

Moradores de Bangu reclamam de um vazamento de água na Rua Rangel Pestana, que já dura duas semanas. De acordo com o leitor Adriano Luiz Moreira, que passa diariamente pela via, o ponto em que a tubulação da Cedaes estourou situa-se na rua, em frente ao número 960. Ele relata que o vazamento de água chegou a atingir cerca de um metro de altura, como se fosse um chafariz: desperdício. Procurada, a Cedaes informou que já mandou uma equipe ao local, e o vazamento foi sanado.

FORA DE HORA

► Uma casa de festas situada na Rua Júlio César, em Bangu, não respeita os horários de coleta de lixo. De uns tempos para cá, os responsáveis pelo empreendimento limpam a sujeira do salão e a deixam na calçada, à espera da Comlurb. Os detritos são despejados nos fins de semana, e a coleta só ocorre na terça e quinta-feira. Cahorros reviram o lixo e ratos são atraídos, entrando nas casas.

ANA CLÁUDIA AGUIAR
Bangu

BAIRRO PRECÁRIO

► Um dos bairros mais antigos de Campo Grande, São Geraldo está abandonado. A Avenida Paulo Afonso, a principal do bairro, está caindo sobre o leito do rio que a corta. A pavimentação está cheia de buracos e a iluminação também é insuficiente. Já na esquina da Muzambinho com a Rua Iviti, carros passam em alta velocidade. É necessário instalar sinalização no local.

RENATO RIBEIRO
Campo Grande

VELOCIDADE ALTA

► Na Rua Leila Guimarães, em Sepetiba, motoristas de van da linha Sepetiba-Santa Cruz passam em alta velocidade pela rua. Na semana passada, meu filho de 1 ano brincava na beira da calçada e quase foi atropelado.

RAPHAEL SILVA
Sepetiba

Fonte: Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-a-acervo/?navegacaoPorData=201020130112> Acesso em 12 out. 2020

Nesse relato, o leitor participou com o envio de uma foto de um vazamento de água que estava acontecendo em sua rua e a foto mostra bem o problema em questão. Observou-se que logo abaixo da matéria, há uma pequena nota com o contato do jornal com a empresa responsável por aquele problema e tal empresa já apresenta uma solução.

Além dos cadernos de Zona Oeste e Baixada, é possível encontrar o “Eu Repórter” também no suplemento de Niterói. Comparado com 2019, percebeu-se que nesse ano há um espaço maior para a seção do “Eu Repórter” (Figura 25). A participação da leitora na publicação de 13 de janeiro de 2013 é com o envio de foto

mostrando um problema causado pelas fortes chuvas, e assim como nos outros anos, também há posicionamento do órgão responsável.

Figura 25: perfil do “Eu Repórter” em 2013



Fonte: Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130120> Acesso em 12 out. 2020

Desta forma, observou-se que ao longo dos anos analisados houve um aumento das publicações no “Eu Repórter”. No ano de 2006, percebeu-se que as cartas eram bem mais utilizadas e como já citado anteriormente, essa forma de participação foi uma das primeiras que o jornal recorreu para que o leitor pudesse contribuir com suas queixas. É possível observar também que em 2013 há um aumento das fotografias enviadas ao jornal, tendo assim uma quantidade maior de queixas de leitores publicadas na editoria. Diante desses períodos analisados, nota-se que com a popularização da fotografia e os avanços da *internet* a quantidade de fotos enviadas é maior e mais fácil para que o leitor consiga realizar sua queixa e

ainda receber uma resposta ou solução para o problema. Embora o editor Milton Calmon tenha classificado que a editoria passa por um “momento nebuloso” devido a expansão das redes sociais e a facilidade do público postar seus conteúdos e reclamações diretamente nessas plataformas, percebe-se que, ainda sim, existe uma crescente interação e espaço destinado a esses conteúdos no jornal em questão.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No cenário das mudanças tecnológicas, o jornalismo participativo permitiu que o cidadão fizesse parte do processo noticioso. Nesse cenário, outros segmentos também sofreram mudanças, como foi o caso do fotojornalismo, que com a popularização da fotografia precisou se adaptar à urgência de se publicar uma notícia. Este trabalho se propôs a abordar a participação do público no jornal O Globo, através da seção de jornalismo participativo “Eu Repórter”, nos Jornais de Bairro.

Três hipóteses foram apontadas por esta pesquisa. A primeira era de que a participação do público torna-se mais acessível por meio das plataformas online. A segunda era de que os principais temas recorrentes na editoria do “Eu Repórter” são de queixas de cidadãos acerca do local onde vivem e a terceira e última era de que os fotojornalistas divergem opiniões acerca do novo cenário do fotojornalismo participativo. Estas hipóteses foram confirmadas ao longo deste trabalho.

Foi compreendido que muitos registros são feitos pelo público e que desde o lançamento do “Eu Repórter”, o jornal O Globo se preocupa em publicar algum tipo de participação do leitor. Com o objetivo de analisar as mudanças significativas na editoria, foi constatado que com o passar dos anos e com aumento da tecnologia digital, as fotos enviadas à seção foram se tornando mais frequentes e permitindo que mais pessoas colaborassem com fotos e textos.

Enquanto no início da editoria o conteúdo enviado pelo público era mais descritivo e textual e aparentemente o jornal ficava responsável pela produção da fotografia, atualmente o leitor produz todo o material e ao jornalista cabe somente, por vezes, o contato com a instituição responsável pelo problema apontado e a apuração.

Constatou-se também que as fotos dos leitores são encontradas apenas nos cadernos de bairro do jornal e reproduzidas de forma fiel ao que é mandando. Já no caderno principal, as fotografias utilizadas são as produzidas pelos fotojornalistas do próprio jornal - o que sugere ainda uma manutenção da prática profissional do fotojornalista. A editoria dos Jornais de Bairro seleciona as imagens e quando necessário faz alterações nos textos enviados à seção.

A opinião dos fotojornalistas foi outra questão a ser analisada neste trabalho. Verificou-se que as colocações, em sua maioria, são positivas e acreditam que a tecnologia chegou para agregar na velocidade das informações e que a colaboração não é uma fator que irá fazer o profissional perder espaço.

Percebeu-se que o jornalismo colaborativo junto ao fotojornalismo tem contribuído para que o leitor reivindique melhorias para seu bairro, se aproxime do jornal e se sinta parte da notícia. São muitas as transformações trazidas pelas tecnologias e não se sabe dizer se os veículos continuarão a abrir espaço para outras vozes e isso se torna importante às futuras pesquisas.

Este estudo deixa como questionamento e possibilidade para futuras análises o alerta do editor do caderno de bairro do jornal O Globo que alegou que com a popularização das redes sociais, o público não mais se preocupa em reivindicar seus direitos por meio do veículo noticioso, mas pulam essa etapa fazendo a publicação diretamente em seus perfis e “quando o assunto é bomba, é o jornal quem corre atrás do público”.

Portanto, por mais que esse tipo de prática colaborativa tenha se propagado, da mesma forma como se reformulou devido aos avanços da internet, migrando da carta para os *sites* e WhatsApp, existe a possibilidade de novamente se renovar mediante ao acesso e alcance das redes sociais.

Por fim, com esse recorte é possível verificar que a participação do público no processo noticioso e na criação do conteúdo é uma realidade que se adequa aos tempos e formas. Além disso, as opiniões se essa participação é positiva ou negativa quando pensada pela ótica da prática profissional podem ser divergentes, mas existe um consenso de que esse é um caminho sem volta e que caberá aos veículos e profissionais se adaptarem às demandas oriundas do mercado.

6 REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves de. **Jornalismo cidadão**. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2185>>. Acesso em 09 agosto de 2020.

AROSO, Inês Mendes Moreira. **As redes sociais como ferramentas de jornalismo participativo nos meios de comunicação regionais: um estudo de caso**. 2013. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/aroso-ines-2013-redes-sociais-ferramenta-jornalismo.pdf> . Acesso em: 16 set. 2020.

BARCELOS, Janaina. **Os usos da fotografia pela imprensa**. 2013. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-audiovisual-e-visual/os-usos-da-fotografia-pela-imprensa>. Acesso em: 15 out. 2020.

BARBOSA, Marialva. **História da Comunicação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2013.

BLAIR, James P. **Novo guia de fotografia National Geographic**. São Paulo: Abril, 2011.

BUITONI, Dulcília Schoroeder. **Fotografia e Jornalismo: A informação pela imagem**. São Paulo: Saraiva, 2012.

CANAVILHAS, João. Notícias e Mobilidade: **O Jornalismo na Era dos Dispositivos Móveis**. 2013. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/267569021_Noticias_e_Mobilidade_o_jornalismo_na_era_dos_dispositivos_moveis>. Acesso em 13 set. 2020.

CORRÊA, Elizabeth Saad; MADUREIRA, Francisco. **Jornalista cidadão ou fonte de informação: estudo exploratório do papel do público no jornalismo participativo dos grandes portais brasileiros**. 2010. Disponível em: <<http://www.ec.ubi.pt/ec/07/pdf/correa-jornalista.pdf>>. Acesso em 10 agosto de 2020.

FERRARI, Pollyana. **Jornalismo Digital**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

CARVALHO, Brenno. Brenno Carvalho: entrevista [setembro 2020]. Vassouras, 2020. Entrevista concedida à Andreza Waack. Disponível em: <https://anchor.fm/andreza-waack-melo/episodes/PODCAST-COM-FOTOJORNALISTAS-eInF19> . Acesso em 20 set. 2020.

DORNELLES, Beatriz; LAUX, Morgana Gualdi. **Experiência de Jornalismo colaborativo na produção do noticiário de blogs do jornal Zero Hora aproxima leitores de cadernos de bairro a produtores de notícia**. 2012. Disponível em: <https://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/CM/article/view/275/275> . Acesso em: 20 set. 2020.

FERRARI, Pollyana. **Comunicação digital na era da participação**. Porto Alegre: Editora Fi, 2016. 210 p. Disponível em: <<https://3c290742-53df-4d6f-b12f->

6b135a606bc7.filesusr.com/ugd/48d206_9d6da1faeb7c44bc8b0cf3c9f00667cb.pdf>.
Acesso em: 15 set. 2020.

FILHO, Francisco Machado; FERREIRA, Mayra Fernanda. **Jornalismo colaborativo: A comunidade na prática jornalística na televisão.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/zhy4d/pdf/casadei-9788579837463-08.pdf>>. Acesso em: 10 agosto de 2020.

FONSECA, Virginia; LINDEMANN, Cristiane. **Webjornalismo participativo: repensando algumas questões técnicas e teóricas.** 2007. Disponível em: <https://ichca.ufal.br/laboratorio/novasmidias/textos/questoesteoricas.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2020.

FRAZÃO, Samira Moratti. **Jornalismo participativo no telejornal: o telespectador como produtor de conteúdo.** 2012. Disponível em: <https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/vd/article/view/4311>. Acesso em: 10 abr. 2020.

GIACOMELLI, Ivan Luiz. **Impacto da fotografia digital no fotojornalismo diário: um estudo de caso.** 2000. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/78155/176649.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 11 mai. 2020.

HACKING, Juliet. **Tudo sobre Fotografia.** São Paulo: Sextante, 2012.

KUBRUSLY, Cláudio Araújo. **O que é fotografia.** São Paulo: Brasiliense, 1991.

LAPOLLI, Mariana; AMARAL, Roberto. **Jornalismo colaborativo: produção de notícias do cidadão repórter no iReport.com da CNN.** 2009. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1658-2.pdf>. Acesso em: 01 out. 2020.

LESNIESKI, Marlon Sandro. **O Processo de Convergência Midiática: Uma Análise da Rádio Catarinense AM da Cidade de Joaçaba.** 2013. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/sul2013/resumos/R35-1285-1.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2020.

LOMBARDI, Kátia Hallak. **DOCUMENTÁRIO IMAGINÁRIO Novas potencialidades na fotografia documental contemporânea.** 2007. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/lombardi-katia-documentario-imaginario.pdf>. Acesso em: 11 mai. 2020.

LOMBARDI, Kátia Hallak. **Documentário Imaginário: reflexões sobre a fotografia documental contemporânea.** 2008. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/1505/1251>. Acesso em: 11 mai. 2020.

MADUREIRA, Francisco Bennati. **Cidadão-fonte ou cidadão-repórter? O engajamento do público no jornalismo colaborativo dos grandes portais brasileiros.** Dissertação (mestrado) – Universidade de São Paulo, 2010. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-08112010-115607/publico/3122210.pdf>>. Acesso em 15 agosto de 2020.

MÉDOLA, Ana Sílvia Lopes Davi; GRZESIUK, Mariana Dourado. **Jornalismo participativo, subjetividade e práticas discursivas**. 2011. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/134714/ISSN2236-3424-2011-01-01-85-95.pdf?sequence=1&isAllowed=y> . Acesso em: 01 out. 2020.

MEMÓRIA GLOBO. **Linha do Tempo**. 2020. Disponível em: <http://memoria.oglobo.globo.com/linha-do-tempo/o-globo-na-rede-9200005>. Acesso em 20 set. 2020.

MESQUITA, Giovana Borges. **Jornalismo participativo e as novas relações entre imprensa e audiência na produção de notícias**. In: XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. Campina Grande, 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2010/resumos/R23-1078-1.pdf>>. Acesso em: 20 agosto de 2020.

MIELNICZUK, Luciana. **Jornalismo na Web: Uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual**. 2003. Tese - Universidade Federal Bahia. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/6057>. Acesso em: 30 set. 2020.

MIELNICZUK, Luciana; SILVEIRA, Stefanie Carlan da. **Interação Mediada por Computador e Jornalismo Participativo nas Redes Digitais**. 2008. Disponível em: https://www.academia.edu/7024557/Intera%C3%A7%C3%A3o_Mediada_por_Computador_e_Jornalismo_Participativo_nas_Redess_Digitais . Acesso em: 02 out. 2020.

MIRANDA, Jéssica Pereira de. **Fotojornalismo em Transição: Um estudo sobre o impacto do jornalismo colaborativo nas redações de Juiz de Fora**. 2015. Monografia - Universidade Federal de Juiz de Fora. Disponível em: <https://www.ufjf.br/facom/files/2016/06/J%C3%A9ssica-Pereira-de-Miranda.pdf>. Acesso em: 20 set. 2020.

MONTEIRO, Gabriel. Gabriel Monteiro: entrevista [setembro 2020]. Vassouras, 2020. Entrevista concedida à Andreza Waack. Disponível em: <https://anchor.fm/andreza-waack-melo/episodes/PODCAST-COM-FOTOJORNALISTAS-elnf19> Acesso em 20 set. 2020.

NETTO, Miguel Rodrigues; PAULA, Cálita Fernanda Batista. **A CONTEMPORANEIDADE DA NOTÍCIA E A PRODUÇÃO JORNALÍSTICA A PARTIR DE MÍDIAS MÓVEIS**. 2015. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/18VEt3koLyLoL35-TNCIzyweTXEUBoflZ/view>. Acesso em: 20 mar. 2020.

OLIVEIRA, Erivam Morais de. **Da fotografia analógica à ascensão da fotografia digital**. 2006. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/oliveira-erivam-fotografia-analogica-fotografia-digital.pdf>. Acesso em: 11 mai. 2020.

OLIVEIRA, Lisbeth. **Fotografia documental e início do fotojornalismo**. 1999. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/17248>. Acesso em: 11 mai. 2020.

OLIVEIRA, Sheila Borges de. **O repórter-amador: uma análise das disposições sociais motivadoras das práticas jornalísticas do cidadão comum**. 2013. 327 f. Tese (Doutorado) - Curso de Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/11863/1/Tese%20Sheila%20Borges%20de%20Oliveira.pdf> . Acesso em: 11 set. 2020.

PERSICHETTI, Simonetta. **A encruzilhada do fotojornalismo**. 2006. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/1484/1230>. Acesso em: 20 abr. 2020.

PERSICHETTI, Simonetta. **Morte anunciada? Não necessariamente! O fotojornalismo renasce nas agências fotográficas**. 2006. Disponível em: <http://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/305>. Acesso em: 20 abr. 2020.

PINHEIRO, Guilherme. **O Cidadão-Repórter e o Papel do Jornalista Profissional através do Jornalismo Participativo**. In: XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2009/resumos/R14-0289-1.pdf>>. Acesso em: 5 set. de 2020.

PRADO, Magaly. **Webjornalismo**. Rio de Janeiro: Ltc, 2011.

PRATA, Nair. **Webradio: novos gêneros, novas formas de interação**. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/AIRR-7DDJD8/1/nair_prata_tese.pdf. Acesso em: 05 abr. 2020.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira; TRÄSEL, Marcelo Ruschel. **Webjornalismo participativo e a produção aberta de notícias**. 2006. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17416/11053>>. Acesso em: 10 set. de 2020.

REGES, Thiara Luiza da Rocha. **Características e gerações do Webjornalismo: análise dos aspectos tecnológicos, editoriais e funcionais**. Monografia – Faculdade São Francisco de Barreiras. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/reges-thiara-caracteristicas-e-geracoes-do-webjornalismo.pdf>>. Acesso em 12 set. de 2020.

ROSSI, Clóvis. **O que é Jornalismo**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SILVA JUNIOR, José Afonso da; QUEIROGA, Eduardo. **Fotojornalismo colaborativo em tempo de convergência**. 2010. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/862/700> . Acesso em: 20 set. 2020.

SILVA, Marcello Henrique Santos Corrêa. **O que é jornalismo colaborativo? Um estudo de caso: The Guardian** 2013. Monografia – Universidade Federal do Rio de Janeiro., Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/1168/1/MSilva.pdf>>. Acesso em: 10 set. de 2020.

SILVEIRA, Stefanie Carlan da. **Jornalismo e Interatividade na Web 2.0: a produção de conteúdo pelo público em redes digitais**. 2012. Disponível em: https://profsergioxavier.files.wordpress.com/2012/08/artigo_jornalismo_interatividade_web2-0.pdf . Acesso em: 01 out. 2020.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. 2004. Disponível em: <http://www.mobilizadores.org.br/wp-content/uploads/2016/09/Sobre-fotografia-Susan-Sontag.pdf>. Acesso em: 11 mai. 2020.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo Uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**. 2002. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-fotojornalismo.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2020.

SOUSA, Jorge Pedro. **UMA HISTÓRIA CRÍTICA DO FOTOJORNALISMO OCIDENTAL**. 1998. Disponível em: <https://focusfoto.com.br/wp-content/uploads/2012/04/HISTORIA-CRITICA-DO-FOTOJORNALISMO-OCIDENTAL.pdf>. Acesso em: 11 mai. 2020.

SPIES, Maria Clara Guimarães. **Canal Fotorepórter: Um estudo das relações entre os critérios de noticiabilidade e produção de conteúdo participativo em fotojornalismo**. 2013. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/77194>. Acesso em: 15 abr. 2020.

TARGINO, Maria das Graças. **Jornalismo cidadão: informa ou deforma?** Brasília: Ibict, 2009. Disponível em: <https://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/792/1/Jornalismo%20cidad%c3%a3o.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2020.

7 APÊNDICE

Link para a conversa com os fotojornalistas do jornal O Globo, Gabriel Monteiro e Brenno Carvalho. Essa conversa, que resultou em um podcast, foi feita a fim de compreender a opinião dos profissionais acerca do cenário do fotojornalismo colaborativo.

<https://anchor.fm/andreza-waack-melo/episodes/PODCAST-COM-FOTOJORNALISTAS-e1nf19>